

Ana Nunes de Almeida (coord.)

Sucesso, Insucesso e Abandono na Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos

Textos de:

<i>Adelina Lopes da Siva</i>	<i>Herculano Cachinho</i>
<i>Alexandra Marques Pinto</i>	<i>Isabel André</i>
<i>Ana M. Veiga-Simão</i>	<i>Luís Curral</i>
<i>Ana Nunes de Almeida</i>	<i>Maria D. Gonçalves</i>
<i>Ana Paula Curado</i>	<i>Maria José Chambel</i>
<i>António M. Duarte</i>	<i>Maria Manuel Vieira</i>
<i>Célia Figueira</i>	<i>Natália Alves</i>
<i>Filipa Castanheira</i>	<i>Sara Bahia</i>



Educa, Lisboa
Março de 2013

Sucesso, insucesso e abandono na Universidade de Lisboa :
cenários e percursos / coord. Ana Nunes de Almeida. –
(Educa. Fora de colecção ; 11)

ISBN 978-989-8272-16-4

ALMEIDA, Ana Nunes de Almeida, 1957-

CDU 378

159.955

EDUCA

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1649-013 Lisboa

Tel. 21 793 45 54

Fax. 21 793 34 08

educa@ie.ul.pt

Sucesso, Insucesso e Abandono na
Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos
© Educa e Autores, 2013

Capa, Arranjo gráfico e paginação: Ana Nascimento

Fotos: Raquel Wise

1ª Edição

Março de 2013

Impressão: Guide, Artes Gráficas, Lda.
guide@guide.pt

Depósito Legal n.º 359718/13

ISBN:978-989-8272-16-4

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

Ana Nunes de Almeida

CAPÍTULO I:

Ficar, mudar ou abandonar: trajetórias e perfis de mobilidade no ensino superior 15

*Natália Alves, Maria Manuel Vieira, Ana Nunes de Almeida,
Isabel André*

CAPÍTULO II:

Ponto de chegada ou (novo) ponto de partida? Entrada na universidade, experiência estudantil e dilemas da individuação 53

Maria Manuel Vieira, Ana Nunes de Almeida, Natália Alves

CAPÍTULO III:

Insucesso e abandono escolar no IGOT-UL: contributos para informar a ação 93

Isabel André, Herculano Cachinho

CAPÍTULO IV:

Exigências e recursos do trabalho académico e bem-estar de estudantes da Universidade de Lisboa..... 117

*Alexandra Marques Pinto, Maria José Chambel, Luís Curral, Filipa
Castanheira, Célia Figueira*

CAPÍTULO V:

Aprender com dificuldades, estratégica e criativamente: Uma via para os estudantes da Universidade..... 131

*António M. Duarte, Maria D. Gonçalves, Sara Bahia,
Ana M. Veiga-Simão, Adelina Lopes da Silva*

CAPÍTULO VI:

Conhecer para intervir: recomendações..... 151

Ana Paula Curado

APRESENTAÇÃO

Reunem-se e discutem-se, neste livro, resultados do projeto “Insucesso e abandono escolares na Universidade de Lisboa: cenários e percursos”, concebido e executado por uma equipa de investigadores sua (financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, PTDC/ESC/64875/2006). Com uma história de vida atribulada desde a sua submissão à Fundação (em 2006) até ao seu arranque definitivo (em 2008), o estudo prolongou-se por 3 anos (2008-2011). Os trabalhos foram oficialmente encerrados numa das Jornadas do ciclo “Conhecer para intervir” (Março 2012), promovidas na Reitoria pelo Conselho de Garantia da Qualidade da UL.

À partida, foi definido como objetivo principal discutir e explorar conceitos e teorias que constroem o “insucesso escolar” no patamar do ensino superior, tomando como contexto específico para a abordagem de terreno a Universidade Lisboa. Dando-se voz aos estudantes, invertendo a perspetiva institucional dominante que naturaliza o insucesso como sinónimo de falha ou ausência de competências académicas, procurou-se associar os dois conceitos de “experiência juvenil” e “condição estudantil”, contribuindo assim para uma outra abordagem do problema. Metodologicamente, e a nível macro, procedeu-se a uma análise longitudinal das trajetórias de uma coorte de estudantes (o universo de recém-chegados aos cursos de formação inicial da UL), captados em dois momentos do tempo: à entrada do 1º ano; um ano depois (momento em que uma amostra foi igualmente entrevistada). Paralelamente, e a nível micro, equipas de duas Unidades Orgânicas associadas ao projeto (o Instituto de Geografia e de Ordenamento do Território, a Faculdade de Psicologia) ensaiaram, com outras preocupações teóricas e metodologias, estudos locais de processos e contextos de insucesso/abandono.

Voltando ao objetivo principal, o desafio tornava-se então caracterizar a incidência e as modalidades do insucesso escolar naquela

coorte; explicar as tendências maiores detetadas a partir de variáveis sociológicas clássicas (como a origem social e familiar, a condição de género, a carreira escolar anterior, a atividade profissional dos estudantes), mas também relacionando-as com a sua escola de pertença; interpretar as representações que os alunos têm sobre a experiência do 1º ano da Universidade e do insucesso escolar; recensear boas práticas, emitir recomendações aos órgãos e decisores institucionais com vista a reduzir comportamentos e custos do insucesso escolar. Para além de outras publicações científicas que resultaram do projeto (cujas cópias se encontram online no site do Observatório dos Percursos dos Estudantes, www.opest.ul.pt), reúnem-se aqui alguns dos principais contributos das várias equipas nele envolvidas.

Um momento crítico: a transição para o ensino superior

Uma das transições críticas do sistema de ensino é justamente aquela que corresponde à entrada do 1º ano do ensino superior. Em especial, num País como Portugal que tão tardiamente chega à modernidade escolar. Os estudos de A. Sedas Nunes nos anos 60 devolveram-nos um primeiro retrato de caracterização do público escolar que frequentava então um reduzido número de universidades portuguesas, públicas, implantadas no eixo litoral Lisboa-Coimbra-Porto. Revelaram a exígua dimensão daquela população estudantil, uma notável presença de estudantes-homens, por um lado, e oriundos de camadas muito favorecidas, por outro.

Em 1974, a democracia veio encorajar rápidas transformações neste nível de ensino. Aumento explosivo da oferta de cursos e instituições, públicas e privadas; descentralização da rede para áreas do interior e cidades do litoral; implantação e fortalecimento de um sistema dual, desenhado entre o ensino universitário e o ensino politécnico; feminização da população estudantil; alargamento da sua base social de recrutamento, com a presença mais significativa de estudantes oriundos de classes sociais com menores recursos escolares e materiais (mantendo-se, porém, o peso maioritário dos contingentes de “herdeiros”) ou, ainda, de estudantes mais velhos, com percursos profissionais já encetados. À massificação e à democratização relativa, acresce a introdução do regime de *numerus clausus*, que impõe um crivo decisivo na orientação das vocações, nomeadamente no acesso às fileiras formativas mais prestigiadas e

procuradas.

As universidades vêem-se assim hoje confrontadas com a chegada de estudantes que representam, na sua linhagem familiar, a primeira geração de universitários, e para quem a realidade, a lógica, as linguagens do ensino superior são desconhecidas, estranhas ou mal dominadas – obrigando-os a um considerável esforço estratégico de integração numa nova instituição, de redefinição e reapropriação do seu “ofício de aluno”. Acolhem, ainda, estudantes que falharam a sua colocação preferencial no concurso nacional de acesso (muitos deles com notas excelentes) e são por isso relegados para opções de segunda ou terceira escolha – tornando penoso ou falhado o exercício de adaptação a um lugar num curso que se distancia da vocação. Lidam, também, com estudantes que conciliam os seus estudos com uma atividade profissional (ou familiar) e possuem, por isso, ritmos mais lentos ou mesmo descontinuidades de progressão. Enfim, confrontam-se com estudantes para quem a experiência universitária corresponde em primeira mão a um exercício implícito da condição juvenil, associada a outras esferas da vida, orientada por valores de procura de autonomia, autenticidade, identidade de si – que podem chocar com o trilho académico linear, cumulativo e irreversível. Do ponto de vista dos atores, estudantes, todas estas tendências se conjugam para fazer, da frequência do primeiro ano no ensino superior, um ano crítico de adaptação, integração, moratória, experimentação individual, mudança ou abandono. São estas as novas configurações que alimentam, numa perspetiva institucional, o “insucesso escolar”. Que se juntam à falta ou insuficiência de competências escolares individuais mínimas para se ser bem sucedido e não reprovar.

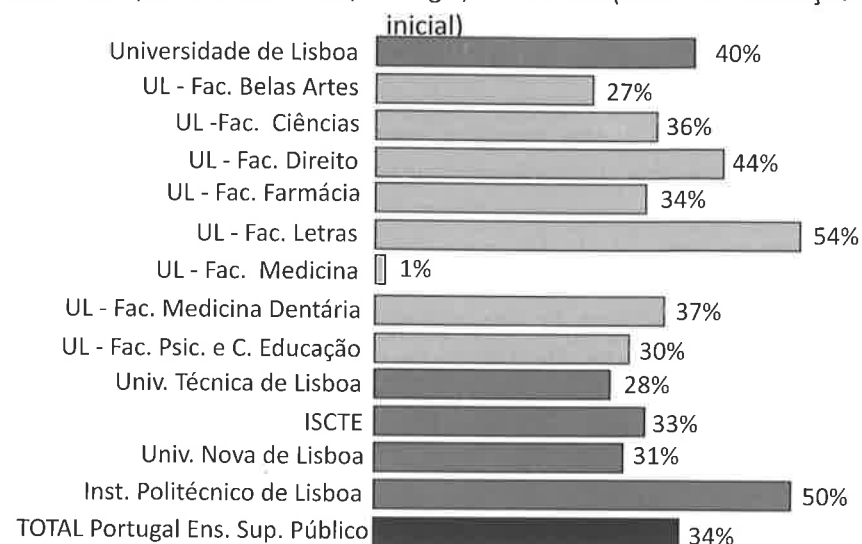
“Insucesso”: um indicador, várias questões

O insucesso nos níveis superiores de ensino público atinge, em Portugal (mas também na maioria dos países europeus), valores significativos: cerca de 35% em 2005/2006 (data em que é projetada a presente investigação) (cf. Quadro 1). Ao contrário do que muitas vezes se supõe, este valor representa uma diminuição relativamente aos contextos do passado: na década de 60, e entre a seletiva população de herdeiros que, havendo frequentado o liceu chegava à universidade, ele aproximava-se dos 70%.

Conforme se constata no mesmo Quadro, a Universidade de Lisboa

apresenta uma taxa de insucesso, em 2005/2006, de cerca de 40%. Este valor resulta da conjugação de casos muito díspares: basta comparar a Faculdade de Medicina (1,1%) com a Faculdade de Letras (54%). Mas situa-se num nível mais alto do que os da Universidade Técnica (28%), ISCTE (33%) ou Universidade Nova de Lisboa (31%).

Gráfico 1 – Insucesso escolar nas instituições de ensino superior público – Área Metropolitana de Lisboa/Portugal, 2005-2006 (cursos de formação inicial)



Fontes: A Universidade de Lisboa em Números. Lisboa: RUL, 2008.; Índice de Sucesso Escolar no Ensino Superior (2005-2006): cursos de formação inicial. Lisboa GPEARI, MCTES, 2008. (<http://www.estatisticas.gpeari.mctes.pt/?idc=47&idi=213485>)

Por outro lado, e como os dados não falam por si, é importante conhecer-se a fórmula (concebida pela OCDE) que preside à construção do indicador oficial de insucesso escolar e que aqueles valores traduzem: relaciona o nº de diplomados num determinado ano com o nº de alunos inscritos pela 1ª vez no 1º ano que entraram na instituição n anos antes, sendo n o nº de anos requeridos para concluir o curso. Ora, como sugerimos em passo anterior, este cálculo dá azo a que situações muito díspares se abriguem por detrás do indicador: as de insucesso efetivo, no sentido académico mais estrito (reprovação em unidades ou anos curriculares); mas também outras como o abandono, afastamento ou desistência da instituição, as transferências inter e intra-cursos; ou as de

alongamento dos estudos, no caso de estudantes que possuem uma ocupação profissional (em *full* ou *part-time*) ou frequentam estágios. Por último, a fórmula ignora as regras institucionais que regulam a transição de um ano para o outro, que podem variar segundo as faculdades ou as universidades. Neste quadro, é legítimo perguntar o que mede, afinal, o indicador do insucesso escolar. O handicap académico, em sentido estrito, como pretende? Ou ele ilustra, também, a mobilidade, sinuosidade e descontinuidade dos percursos escolares dos alunos da Universidade? Eis a questão de partida que inspirou todo o projeto.

O exemplo da Universidade de Lisboa é, a este título, excecional. No Quadro 2 colocam-se lado a lado as taxas de insucesso (referentes aos diplomados 2005-2006), as notas de candidatura, as retenções no ensino básico e secundário e o facto de *não* se estar colocado em 1ª opção (para o ano letivo 2006-2007). A sua consulta permite destacar quatro casos que problematizam, sob diferentes prismas, o indicador de “insucesso”.

Quadro 1 – Componentes do insucesso escolar na Universidade de Lisboa (%)

	Taxa de insucesso Diplomados 2005/2006	Notas de candidatura MTO BOM 2006/2007	Retenções Ens. Básico/Secund SIM 2006/2007	1ª Opção NÃO 2006/2007
Faculdade de Letras	54,5	5,7	46,6	31,7
Faculdade de Direito	43,5	8,4	25,8	11,3
Fac. Medicina Dentária	36,5	50,9	24,6	76,7
Faculdade de Ciências	35,9	12,6	30,1	30,1
Faculdade de Farmácia	33,9	7,9	4,1	50,9
Fac. Psic. e C. Educação	30,0	7,6	34,7	29,8
Faculdade de Belas Artes	26,9	46,3	24,7	37,2
Faculdade de Medicina	1,1	93,6	1,9	22,0*

Fontes: OPEST, 2007; A Universidade de Lisboa em Números. Lisboa: RUL, 2008.

*Estes 22% de “não” reportam-se certamente a alunos que pretendiam seguir medicina, mas noutra universidade.

O primeiro caso é suscitado pela Faculdade de Direito (FD) e a Faculdade de Letras (FL). As taxas de insucesso são, aqui, máximas (FD: 43.5%; FL: 54.2%, no que são seguidas pela Faculdade de Ciências). Além disso partilham, em traços muito gerais, percentagens baixas de notas de candidatura “Muito Bom” (inferiores a 9%); valores significativos (ou mesmo elevadíssimos, caso da FL) de retenções no percurso escolar anterior; e percentagens baixas (FD) ou médias (FL) de estudantes não colocados em 1ª opção. A combinatoria destes sinais parece apontar para o perfil dos alunos insuçados: as dificuldades académicas no momento da avaliação parecem deter um peso forte no resultado final. Mas este insucesso individual pode não ser alheio a fatores de contexto. Sabe-se que tanto na FD como na FL estão sobre representados (face à média da UL) os estudantes trabalhadores, os estudantes mais velhos que já constituíram família, os quais estrategicamente gerem um tempo de progressão escolar mais lento. Sem descurar, aliás, a presença expressiva de origens sociais desfavorecidas, associada a desempenhos académicos mais baixos.

A Faculdade de Medicina (FM) surge como um caso isolado, simétrico do anterior. Ilustra casos de sucesso máximo: uma esmagadora maioria de estudantes com notas de candidatura “Muito Bom” (no que é seguida à distância pela Faculdade de Belas Artes), retenções no ensino básico/secundário com valores residuais, colocação em 1ª opção (se não da instituição - 22% - pelo menos da vocação). É na FM que tipicamente estudam os alunos mais jovens, que se dedicam a tempo inteiro e em exclusividade à sua carreira escolar e que residem em casa dos pais.

Outros dois grupos revelam situações mais paradoxais e muito interessantes – do ponto de vista da desconstrução do indicador e da problemática que orientou este estudo. A Faculdade de Medicina Dentária (FMD) e a Faculdade de Farmácia (FF) acolhem alunos com notas de candidatura elevadas, percursos escolares anteriores de sucesso (elevadíssimo, no caso da FF) – tendencialmente provenientes, aliás, de meios sociais favorecidos. Acontece, porém, que ambas apresentam taxas de insucesso elevadas (33.9% na FF, 36.5% na FMD). O que poderá estar na sua origem? O facto de, precisamente, as taxas de não-colocação em 1ª opção serem elevadíssimas (50.9% na FF; 76.7% na FMD). Muitos destes alunos poderão encarar o 1º ano como uma moratória para se recandidatarem, no ano seguinte, ao curso pretendido (quase sempre Medicina). A obtenção da nota de acesso pretendida um ano depois constitui um sucesso individual – mas alimenta estatisticamente os valores do insucesso institucional.

O último caso é constituído pela Faculdade Psicologia e Ciências da Educação (FPCE). À entrada, apresentam-se sobretudo alunos com notas de candidatura “Suficiente” (apenas 7.6% de Muito Bom), com especial incidência de retenções (34.7%). Perante este cenário, podiam supor-se altas taxas de insucesso. Tal não ocorre, porém: elas registam na FPCE valores abaixo da média da UL (30%). O facto de perto de 70% dos estudantes estarem colocados em 1ª opção certamente contribui para esta combinatoria.

Mãos à obra

Focando e aprofundando teoricamente estas perplexidades, a equipa responsável pelo projeto desenvolveu uma análise a dois níveis. Desde logo, a uma macro-escala, um estudo longitudinal das trajetórias dos estudantes que, em 2008-2009, se inscreveram no 1º ano da formação inicial da Universidade de Lisboa – comparando a sua situação à entrada e um ano mais tarde. Foram aplicados inquéritos por questionário e, a uma franja mais reduzida, realizadas entrevistas sobre a experiência do 1º ano. Nesta equipa, para além da coordenadora do Projeto (Ana Nunes de Almeida), trabalharam Isabel André (IGOT), Maria Manuel Vieira (ICS) e Natália Alves (Instituto de Educação). E colaboraram, em momentos diferentes, Alexandra Raimundo e Valentina Oliveira (Reitoria da Universidade de Lisboa). Os dois primeiros capítulos deste livro reportam-se justamente a este patamar de análise. No primeiro identifica-se, descreve-se e caracteriza-se a diversidade de percursos estudantis ao longo do primeiro ano (“permanecer”, mudar, “sair”), mostrando como os sinais de “insucesso” são muitas vezes fruto de trajetórias de mobilidade. No segundo, procura-se revelar o lado do avesso subjetivo do insucesso e da experiência escolares de estudantes portadores, também, de uma condição juvenil.

O segundo nível de análise privilegiou estudos locais, com distintos objetivos e abordagens metodológicas, desenvolvidos à microescala de duas Unidades Orgânicas da UL: o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e a Faculdade de Psicologia. No IGOT, a equipa composta por Isabel André e Herculano Cachinho, preocupou-se em estudar o desempenho escolar dos alunos, e as representações que estes e os professores constroem a seu propósito, refletindo depois sobre os resultados e propondo um plano de ação com vista à sua redução. Na

Faculdade de Psicologia, foram constituídas duas equipas. Uma delas, com Alexandra Marques Pinto, Maria José Chambel, Luís Curral, Filipa Castanheira e Célia Figueira, desenvolveu um “estudo de diagnóstico” e colocou-se do ponto de vista dos processos de adaptação à vida académica estudando os fatores que podem contribuir para o “bem estar”, mais concretamente para o *burnout* e *engagement*, dos estudantes do ensino superior. Através de 3 experiências de intervenção, a outra equipa, reunindo António M. Duarte, Maria D. Gonçalves, Sara Bahia, Ana M. Veiga-Simão e Adelina Lopes da Silva, procurou promover em pequenos grupos de estudantes competências consideradas fundamentais no contexto de ensino superior. No último capítulo, Ana Paula Curado (então Coordenadora do Gabinete de Garantia da Qualidade da UL) apresenta as recomendações saídas do seminário final de apresentação e discussão dos resultados do projeto (realizado em 2012).

A pluralidade de perspetivas e resultados encoraja, sem dúvida, um olhar mais rigoroso, complexo e multidimensional sobre os atuais processos de insucesso e abandono escolares no ensino superior. Mas também, dando-lhes voz, sobre os estudantes que o frequentam.

Esperamos que o leitor encontre aqui pistas de reflexão e informação empírica que lhe permitam aprofundar o conhecimento sobre a Universidade, hoje, em Portugal.

Lisboa, Dezembro 2012

Ana Nunes de Almeida

Investigadora Coordenadora, Instituto de Ciências Sociais, UL
Pró-Reitora, UL

CAPÍTULO I

FICAR, MUDAR OU ABANDONAR: TRAJETÓRIAS E PERFIS DE MOBILIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Natália Alves, Instituto de Educação, UL

Maria Manuel Vieira, Instituto de Ciências Sociais, UL

Ana Nunes de Almeida, Instituto de Ciências Sociais, UL

Isabel André, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, UL

Sucesso, insucesso e abandono no ensino superior

O insucesso e o abandono escolar no ensino superior, apesar do interesse que têm vindo a adquirir, não são problemáticas novas na sociedade portuguesa. Com efeito, nos finais dos anos sessenta, o estudo fundador de Sedas Nunes dava conta da reduzida taxa de sucesso neste grau de ensino, colocando em evidência a “baixa eficiência interna global do ensino superior” (Nunes, 1968a: 354-355).

Esta deficitária “eficiência” decorre da conjugação de dois fenómenos: o da reprovação e o do abandono. Como este estudo desvenda, observa-se “de um lado, uma reacção mais caracteristicamente masculina, de insistência e prossecução dos cursos, a exprimir-se numa considerável proporção de alunos com “estudos arrastados” para além das idades em que normalmente se frequenta a Universidade”; como se, acrescentamos nós, estes jovens estivessem a contra gosto compelidos a desempenhar o papel que lhes estaria previamente outorgado, submetendo-se sem entusiasmo à frequência do curso indicado, por outrem, como mais apropriado à sua futura condição social. E, “(...) do outro, uma reacção, mais predominantemente feminina, de desistência e abandono dos cursos, antes de concluídos (...)” (Nunes, 1968a: 356) eventualmente denunciadora de uma diferencial valorização do matrimónio, relativamente aos estudos e à